

*Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 12: 303-304, 2002.

*Cartas do sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Apresentação e notas de Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, 2000. 396 p. ISBN 972370625-3.

Francisco Silva Noelli\*

A maior parte da obra publicada de Nimuendajú foi dirigida à Etnologia e, fora dos círculos especializados em Arqueologia da Amazônia, raramente trata-se das suas atividades e idéias arqueológicas. Assim, o objetivo desta resenha é comentar sobre seus trabalhos arqueológicos voltados para obter exemplares para diversas instituições e pessoas, realizadas especialmente na década de 1920. Nimuendajú não foi um simples colecionista, muito embora suas práticas de campo se resumissem a desenterrar e comprar objetos diversos, principalmente vasilhas cerâmicas inteiras, muiraquitans, artefatos de pedra, fragmentos cerâmicos e, paralelamente, visava indicar a localização das “terras pretas”. As dimensões do seu trabalho arqueológico não foram superadas até o final da década de 1960, tanto em quantidade de sítios localizados quanto em extensão territorial pesquisada. Além disso, suas idéias e interpretações, assim como na Etnologia americanista, também deixaram uma marca profunda na Arqueologia da Amazônia e da América do Sul após o final da década de 1920. Todavia, grande parte dos resultados das suas atividades foi diretamente conhecida por poucos, pois Nimuendajú publicou apenas dois trabalhos arqueológicos: *Streifzüge in Amazonien* (1929), um resumo das viagens para formar uma coleção encomendada pelo Museu de Gotemburgo; Os Tapajós (1949), artigo póstumo, onde trata de aspectos históricos, da cerâmica e da localização dos Tapajó no baixo Amazonas. A parte sistemática dos seus trabalhos arqueológicos ficou restrita a dois relatórios que ainda permanecem inéditos, enviados a Gotemburgo em 1923 e 1926, cujos resumos foram publicados num artigo de Sigvald Linné em 1928 e por Erland Nordenskjöld,

no livro *Ars Americana I: L'archéologie du Bassin de l'Amazone* (1930), também ilustrado com várias fotografias de cerâmicas e outros objetos colecionados. Foi por intermédio dessas duas obras que as idéias e hipóteses de Curt Nimuendajú sobre o processo de ocupação recente da Amazônia foram inicialmente conhecidas, servindo como referência para as pesquisas posteriores até a década de 1970.

A publicação das *Cartas do sertão* revelou um caminho alternativo para conhecer mais sobre o Nimuendajú arqueólogo, pois é provável que ele tenha deixado um epistolário muito mais extenso, sistemático e detalhado que suas publicações conhecidas. As noventa cartas enviadas a Carlos Estevão de Oliveira, entre 1923 e 1942, atualmente depositadas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, fornecem uma amostra do que se poderá encontrar em outras missivas com teor arqueológico trocadas com várias personalidades do meio americanista. Por exemplo, a correspondência mantida com Nordenskjöld, diretor e o principal intermediário do Museu de Gotemburgo com Nimuendajú, deve conter ainda mais informações arqueológicas que as enviadas para Estevão de Oliveira. E assim deve ter ocorrido com Theodor Koch-Grünberg, Alfred Métraux, Helen Palmatary, Robert Lowie, Julian Steward, Heloisa Torres e Herbert Baldus, para mencionar alguns pesquisadores conhecidos que devem ter guardado correspondências de Nimuendajú. Também deve ter havido intensa troca de cartas com diversas autoridades locais, proprietários de terras, comerciantes, entre outros, que de alguma forma participaram das pesquisas arqueológicas de Nimuendajú, como se pode ver nas *Cartas do sertão*. Outros museus, como o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paraense Emílio Goeldi, os Museus Etnológicos de Hamburgo e

(\*) Universidade Estadual de Maringá, PR.

Leipzig, Alemanha, também devem possuir cartas inéditas, pois na década de 1920 Nimuendajú vendeu coleções etnológicas a essas instituições, que também podem ter recebido coleções arqueológicas.

O conteúdo das cartas dirigidas a Carlos Estavão de Oliveira deixa clara a prática de campo de Nimuendajú, voltada para obter exemplares relevantes para os seus contratantes (que devem ter orientado por escrito sobre o que desejavam). Por exemplo, em abril de 1923, diz ele que: “chegado em Santarém, levei três dias a catar fragmentos de uma cerâmica antiga, muito interessante, nas sarjetas das ruas desta cidade. Parece incrível, mas em 24 horas eu já tinha juntado um bom princípio para uma coleção arqueológica! O molecório me ajudou com afinco para ganhar qualquer tostão...” Sobre a busca nas terras pretas declarou que: “apesar de eu ter mandado abrir valas em diversos pontos, o resultado foi menor do que em Santarém; mas sempre achei alguma coisa”, e “revirei uma dúzia de terras pretas e nada achei que valesse a pena eu me abaixar para apanhá-lo”. Existem diversos relatos sobre o desenterramento de vasilhas inteiras, alguns sem sucesso. Em Maiacaré, Amapá: “Reuni três trabalhadores e trabalhamos três dias. Fiz um corte pelo aterro, do cume até o solo natural, e encontrei um grande número de igaçabas, às vezes três metidas uma dentro da outra. Apesar do extremo cuidado com que as descobria, não me foi possível tirar uma só que se aproveitasse: quebravam, logo que se suspendia elas, em mais de cem pedacinhos!” Também, evidentemente, há vários relatos de sucesso na extração de vasilhas e outros objetos, bem como muitos relatos de compra de peças inteiras e de como conseguia transportar as descobertas, muitas

vezes por longas distâncias e rios perigosos, em canoas e sobre animais de carga, até o local de embarque para o destino definitivo das coleções. Também existem muitas informações sobre a depredação de sítios arqueológicos por caçadores de tesouros e por colecionadores; sobre a proibição de proprietários para visitar certos locais, inclusive alguns de grande fama regional, como aconteceu na ilha de Marajó.

As cartas mostram que Nimuendajú mantinha constantemente um estado de alerta para o colecionismo arqueológico, mesmo durante suas pesquisas exclusivamente etnológicas realizadas muito depois do contrato com Gotemburgo. Por exemplo, em março de 1940 ele encontra diversas “terras pretas”, fragmentos cerâmicos e materiais líticos no rio Xingu, como no Porto de Moz, na área de Nova Olinda e acima da foz do rio Fresco. Em outra carta, de 1928, durante um passeio a São José do Ribamar, na ilha de São Luiz, Maranhão, relata o encontro casual do famoso sambaqui da Maiobinha, registrado pouco tempo antes por Raimundo Lopes, e insere alguns desenhos dos fragmentos cerâmicos encontrados.

Esperamos que outros conjuntos de cartas sejam publicados, especialmente das trocadas com Nordenskjöld, Heloisa Torres e Helen Palmatary, se ainda existirem, pois seria importante realizar uma pesquisa sobre as atividades arqueológicas do grande etnólogo alemão. O excelente trabalho de Thekla Hartmann precisa ser continuado e ampliado, pois as cartas de Curt Nimuendajú ainda possuem um inestimável valor para a Arqueologia da Amazônia, para a história da Arqueologia feita no Brasil, e podem servir como referência para revisitar as áreas pesquisadas entre 1923 e 1940.

*Recebido para publicação em 15 de dezembro de 2002.*